



[entrevista]

**Passados e futuros da comunicação.
Entrevista com Maria Immacolata Vassallo de Lopes**

Past and future of communication.
Interview with Maria Immacolata Vassallo de Lopes

Pasados y futuros de la comunicación.
Entrevista a Maria Immacolata Vassallo de Lopes

Michelle Prazeres

Faculdade Cásper Líbero | mprazeres@casperlibero.edu.br

Luís Mauro Sá Martino

Faculdade Cásper Líbero | Imsmartino@casperlibero.edu.br

Resumo: Os estudos de Maria Immacolata Vassallo de Lopes se entrelaçam com o campo acadêmico da comunicação. Graduada em Ciências Sociais, pela Universidade de São Paulo (USP), com mestrado e doutorado em Ciências da Comunicação, pela mesma instituição, é professora-titular da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP. Em sua atuação na área, destaca-se pela participação em várias associações de pesquisa, como a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), a Associação Ibero-Americana de Investigadores da Comunicação (Ibercom) e o Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva (Obitel). Ficção seriada televisiva, estudos de recepção e epistemologia estão entre suas principais preocupações. Nesta entrevista, realizada como parte das celebrações dos 25 anos de **LÍBERO**, a professora Immacolata fala de seus caminhos de pesquisa e das tendências atuais do estudo da comunicação.

Palavras-chave: Maria Immacolata Vassallo de Lopes; comunicação; epistemologia; ficção televisiva; estudos de recepção.

Abstract: Maria Immacolata Vassallo de Lopes' academic path intertwines with the field of communication studies. Graduated in Social Sciences from the University of São Paulo, with a master's and doctorate in Communication Sciences at the same institution, she is a professor at the School of Communications and Arts at USP. In his work in the area, he stands out for his participation in several research associations, such as the Brazilian Society for Interdisciplinary Communication Studies (Intercom), the Ibero-American Association of Communication Investigators (Assibercom) and the Ibero-American Observatory of Fiction Television (Obitel), among others. Television serial fiction, reception studies and epistemology are among his main concerns. In this interview, carried out as part of the celebrations of the 25th anniversary of the **LÍBERO**, prof. Immacolata talks about his research paths and current trends in the study of communication.

Keywords: Maria Immacolata Vassallo de Lopes; communication; epistemology; television fiction; reception studies.

Resumen: Los estudios de Maria Immacolata Vassallo de Lopes se entrelazan con el campo académico de la comunicación. Graduada en Ciencias Sociales por la Universidad de São Paulo, con maestría y doctorado en comunicación en la misma institución, es profesora de la Escuela de Comunicación y Artes de la USP. En su trabajo en el área, se destaca por su participación en varias asociaciones de investigación, como la Sociedad Brasileña de Estudios Interdisciplinarios de la Comunicación (Intercom), la Asociación Iberoamericana de Investigadores de la Comunicación (Assibercom) y el Observatorio Iberoamericano de la Ficción Televisiva (Obitel), entre otros. La ficción serial televisiva, los estudios de recepción y la epistemología se encuentran entre sus principales preocupaciones. En esta entrevista, realizada en el marco de las celebraciones del 25 aniversario de **LÍBERO**, la profesora Immacolata habla de sus caminos de investigación y tendencias actuales en el estudio de la comunicación.

Palabras clave: Maria Immacolata Vassallo de Lopes; comunicación; epistemología; ficción televisiva; estudios de recepción.

A trajetória de **Maria Immacolata Vassallo de Lopes** se entrelaça com o campo acadêmico da comunicação. Seja em sua atuação institucional, seja como pesquisadora e professora, seu nome é uma das referências quando se pensa no estudo da comunicação no Brasil, em uma trajetória que se inicia com a graduação em Ciências Sociais, na Universidade de São Paulo (USP), e prossegue com o mestrado e o doutorado em Ciências da Comunicação, na mesma instituição. Um pós-doutorado na Universidade de Florença, na Itália, se soma a uma formação constante.

Professora titular da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, tem uma atividade destacada nas várias associações de pesquisa, como a Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) e a Associação Ibero-Americana de Investigadores da Comunicação (Assibercom), as quais já presidiu, e o Observatório Ibero-Americano da Ficção Televisiva (Obitel), por ela fundado e do qual é coordenadora geral.

Dois de seus temas de pesquisa estão presentes em suas publicações desde o início: em 1988, publica, pela Loyola, o livro *O rádio dos pobres*, fruto da dissertação de mestrado, no qual já faz uso de categorias de interpretação voltadas para a pesquisa de recepção que seriam desenvolvidas nas décadas seguintes a partir do diálogo com autoras e autores do Brasil e da América Latina.

Dois anos depois, também pela Loyola, sai *Pesquisa em comunicação* – resultado da tese de doutorado –, que se tornou uma das referências no assunto, em sucessivas edições. Naquela abordagem, encontramos a epistemóloga em ação, preocupada com as questões teóricas e metodológicas da área, interesse que vai se refletir, em 2003, com a organização da coletânea *Epistemologia da comunicação*, na mesma editora, reunindo pesquisadoras e pesquisadores de várias tendências e perspectivas para refletir sobre questões fundamentais da área – objetos, métodos e conceitos.

Nesta entrevista especial, realizada como parte da comemoração pelos 25 anos de **LÍBERO**, a profa. Immacolata fala de seus caminhos de pesquisa e das tendências da pesquisa em comunicação.

* * *

Sua trajetória acadêmica se entrelaça com a pesquisa em comunicação e, de certa forma, com o próprio campo. Neste diálogo, considerando ser uma data comemorativa – 25 anos da revista LÍBERO –, buscamos um pouco dessa história e também perspectivas para o futuro. Quais foram suas principais preocupações nessa travessia?

Maria Immacolata Vassallo de Lopes:

Primeiro, gostaria, e não apenas formalmente, de parabenizar vocês, porque não é fácil completar esses anos mantendo um projeto editorial, a gente sabe bem disso.

Sobre minha inserção, noto que tem havido uma visão historiográfica, mais do que rememorativa, a respeito do campo da comunicação. Precisamos de mais: sinto muita falta de um espaço, talvez de até um grupo de trabalho, dirigido à história dos estudos de comunicação e meios. Sempre que possível procuro fazer esse olhar para uma determinada área, como dos estudos de recepção ou os estudos de gênero. Quando falo em história, não

é só em uma perspectiva sua de interesse, e que, portanto, move sua pesquisa, mas também penso na questão institucional do campo.

Eu me deparo muito com a importância do movimento de institucionalização do campo, que também dá um pouco o termômetro da pesquisa. Pode parecer um pouco duro, mas nossa pesquisa é uma pesquisa acadêmica, e estamos fundamentalmente amparados pela instituição em que se trabalha, mas também pelas associações e pelas agências de fomento. Lá estão as minhas áreas de interesse, definidos em dois grandes eixos.

Em primeiro lugar, desde que entrei na ECA para fazer o mestrado e o doutorado, e depois como professora e concursada, está a questão da pesquisa e da metodologia, assim como a do ensino. Esse primeiro foco é a epistemologia da pesquisa em comunicação. O outro é a ficção televisiva. A gente começa desde a televisão aberta até os serviços de *streaming*, com produções independentes, que está em ebulição.

Durante seu trajeto de pesquisa, pareceu existir, em muitos momentos, uma preocupação em dialogar com pensamento latino-americano em comunicação. Como foi constituir esse diálogo?

Maria Immacolata Vassallo de Lopes:

Minha história se confunde com essa articulação, digamos, intelectual e política, com a América Latina. Me lembro perfeitamente de quando fizemos o primeiro evento. Foi em um congresso da Intercom em Florianópolis [em 1989] que conheci pela primeira vez esses colegas latino-americanos. Houve troca, houve diálogo, mas sempre foi restrito. Você identifica, e há coisas importantíssimas em comum – por exemplo, um projeto do professor José Marques de Melo para um estudo comparativo entre Brasil e México, do qual participaram também Antonio Fausto Neto e Christa Berger. Era uma coisa interessantíssima, havia um pesquisador brasileiro e um mexicano dialogando sobre os estados da arte.

Diálogo em termos de quê? Culturais, históricos, em questão do continente, do subcontinente. E aí se começou, e outras coisas vieram. Gostaria de lembrar que aí conheci meu querido amigo Raúl Fuentes, que está aí sempre presente entre nós, quando se fala da pesquisa da comunicação. Naquela análise comparativa, a proposta era que eu falasse da pesquisa em comunicação no Brasil, e ele, no México.

Isso se reflete também nos livros publicados pela Intercom sobre o cenário brasileiro e latino-americano. Mas essas coisas ficaram onde? Quem lê? Tenho uma preocupação de que isso se torne uma coisa passadista, de esquecerem a história e começarem a falar “precisamos fazer isso” como se nunca tivesse sido feito. Há toda uma história atrás disso.

Que outros aspectos caracterizaram esse momento?

Maria Immacolata Vassallo de Lopes:

Um segundo ponto foi ter descoberto aqueles que dariam muito o que ler, que instigam muitas questões, deslocando perguntas, que foram Jesús Martín-Barbero e Néstor

García Canclini. Há dois livros capitais: *De los medios a las mediaciones*, de Martín-Barbero, e *Culturas híbridas*, de García Canclini. Claro que há muito mais cultura que comunicação em Canclini, é preciso dizer, mas é fundamental acompanhar esse trânsito. Ambos não são originários dos países em que estavam trabalhando: Canclini é argentino, Martín-Barbero é espanhol, mas um pesquisou no México, e outro, na Colômbia.

Então, veio a parceria, trabalhar as propostas, as questões das mediações, que teve enorme influência, principalmente nos estudos de recepção.

Mas queria terminar problematizando um pouco: acho esse diálogo precário. Para mim, deveria ser muito mais presente e marcante. A gente não conversa o tanto quanto deveria – tanto da nossa parte quanto da parte deles [dos pesquisadores dos outros países latino-americanos]. Nós falamos e lemos muito mais o espanhol do que eles o português.

A meu ver, continuamos Norte-Sul, em vez de Sul-Sul, tanto de nossa parte quanto da parte deles. Penso que se repete um pouco a questão para a qual Octavio Ianni já chamava a atenção em *Sociologia da sociologia latino-americana*, e Roberto Schwartz, em *As ideias fora do lugar*. Precisamos pensar em nossos objetos, que objetos são esses. Jesús Martín-Barbero fala uma coisa importantíssima em uma entrevista que fiz: “Estou muito preocupado com a pesquisa hoje dos jovens. Precisamos perguntar pra eles quanto de país tem no seu objeto”.

No ano que vem, 2023, vai fazer 20 anos que a senhora organizou o livro *Epistemologia da comunicação* – que, em certa medida, foi e é um marco na área. Hoje, quase 20 anos depois, o que mudou na discussão epistemológica da área? O que que passou? O que fica? Se fossemos fazer um novo livro com o mesmo título hoje, como ele seria?

Maria Immacolata Vassallo de Lopes:

Você me deu uma ideia, ela está aceita (risos). Eu não lembrava dessa data de 20 anos. Havia todo um interesse que passa, inclusive, pela questão dos programas de pós-graduação. Não vamos falar nem em consolidação, mas em fundação. Existia uma discussão sobre a comunicação – até onde vai, não vai, o que é ou o que não é. E também sobre a comunicação como campo de conhecimento: quando você fala em “comunicação”, todo mundo pensa nos meios. Quando você fala “eu estudo, ou pesquiso, comunicação”, precisamos especificar “jornalismo” ou “telenovela”.

A comunicação não era uma área definida, no sentido da “árvore de conhecimento” do CNPq [Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico], que precisamos marcar quando propomos um projeto. Nas décadas de 1980 e 1990, quando você ia submeter um projeto à Fapesp [Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo], precisava registrar como uma das “sociologias especiais”, a sociologia da comunicação, e não havia outras áreas.

Havia uma insegurança sobre o campo, sobre o objeto, e isso mudou muito desde então. Essa discussão está, inclusive, no meu livro sobre pesquisa, destacando o avanço

para a interdisciplinaridade – quer dizer, para o estatuto disciplinar da comunicação. Falar em questões de interdisciplinaridade era um avanço.

Pesquisadores e pesquisadoras iniciantes, na graduação ou mesmo no mestrado, trazem novos objetos, olhares e perguntas. Há uma grande curiosidade com as mídias digitais, ao mesmo tempo que se nota a permanência do interesse na teledramaturgia. Como transformar a curiosidade em prática de pesquisa? Como trazer, desde a graduação, a formação de um olhar de pesquisador?

Maria Immacolata Vassallo de Lopes:

Essa é uma pergunta que deve ser colocada com uma preocupação intergeracional. Você tem que saber pensar metodologicamente. E, para isso, o ponto não é passar informação, mas é criar atitudes. Esse pessoal vem e deve trazer as coisas que são preocupações deles, assim como você levava suas preocupações. O que você quer estudar na graduação? Qual seu propósito? Não adianta tirá-los do ambiente e fazer de conta que não estão nesta época. Como se você entrasse na classe sem celular.

Destaco também a fratura, em nosso campo, de teoria e prática. Aí seria motivo de uma outra conversa dessa questão de mexer na graduação. Nós temos diversas propostas de voltar a ter um núcleo comum para depois ir para a especialização. Por quê? Vou dizer uma coisa: eu recebo alunos na minha disciplina que estão fazendo doutorado e eu pergunto singelamente: “Você já teve disciplina de metodologia?” E tem gente que fala que não. É para abrir os olhos mesmo, porque é verdade. É possível você estar doutorando e nunca ter assistido ou debatido essas questões.

O que podemos imaginar sobre o futuro da pesquisa em comunicação?

Maria Immacolata Vassallo de Lopes:

Tenho uma visão otimista do campo, apesar de todos os problemas. Otimista no sentido da dinâmica – por exemplo, nas reativagens de grupos na Compós [Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação] e na Intercom. Isso é uma dinâmica que deve chamar muito a atenção, no sentido de a gente continuar prestando atenção no campo e nos interesses.

Nós respondemos aos problemas políticos e econômicos a todas as restrições, como se trata mais luta, mais batalha, como alguém que está abrindo hoje uma revista. Acho isso uma coisa extraordinária para nós, e mostra nada mais do que propriamente vigor do campo da comunicação, apesar de todos os pesares. Se a gente estivesse aqui reunido para chorar, então a gente chorava.

* * *

Michelle Prazeres

Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo (USP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.

Luís Mauro Sá Martino

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero.

Colaboraram **Guilherme Rodrigues Pitta** e **Luiza Navega**.